

EM BUSCA DO TREMA PERDIDO

Claudio Cezar Henriques

Diacrítico é o substantivo com que designamos o sinal gráfico acrescentado a uma letra para conferir a ela um valor fonético ou fonológico próprio. Na língua portuguesa, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o til e o trema. Neste artigo, traçaremos algumas considerações sobre o trema, apresentando dados que ajudem a explicar suas origens.

Segundo o *Dicionário Houaiss*, o primeiro registro em português da palavra “trema” seria o ano de 1858, atestado pela sexta edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio Morais Silva, fonte para essa datação. No entanto, a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822, já empregava o nome de “trema” para designar esse sinal gráfico:

O **Trema**, ou **Dierese** (..) são dois pontos postos horizontalmente sobre a prepositiva das duas vogaes, que costumão fazer Diphthongo, para mostrar quando o não fazem, ou no ù das prolações GU, QU, para mostrar, que não he liquido, ou mudo, e que faz Synerese com a voz seguinte. Assim nestas palavras Rïo (Rideo, e Fluvius) e Seqüestro a pronunçiação ficaria duvidosa, tendo-se o io por Diphtongo, como o he no preterito do mesmo verbo Rio, e o U depois de Q como liquido e sem valor como em Questão: se os dois pontos, postos em cima da primeira vogal ï não mostrassem que as duas vogaes não fazem Diphthongos na primeira palavra; e postos sobre o ù da segunda não mostrassem que elle tem valor para fazer Synerese com a vogal seguinte. Quando no concurso de duas vogaes, que costumão fazer Diphthongo, succede cair o accentto agudo na segunda; he de necessidade pôr então este acentto. Porque elle mesmo mostra que as duas vozes não fazem Diphthongo Portuguez, cuja prepositiva sempre he aguda e a subjunctiva grave, e então o mesmo accentto supre o *Trema*; como em *caïo* preterito, o accentto posto no i he signal de que não faz Diphthongo, como em *caio*, presente do mesmo verbo, em que o faz. (BARBOSA: p. 95)

Nas edições anteriores do *Morais*, não há o verbete “trema”, mas “ápices”, “cimalhas” e “diérese”:

Apice, s. m. Dois pontos, que se põem sobre duas vogaes para declarar, que não fazem ditongo. V. Cimalhas, diérese. Leão, *Ortogr.* (2ª ed., 1813: p. 153)

Cimalhas, na ortografia **apices**, ou **Diereses**; são os dois pontinhos, que se põem sobre as vogaes, que concorrem, para mostrar que não fazem ditongo: v.g. graído, caído, argüe, ïa. Leão, *Ortogr.* (2ª ed., 1813: p. 397)

Dieresis, s. f. t. de Gramm. V. Cimalhas. Apices, são dois pontos (· ·) sobre as vogaes, que não fazem ditongo: v.g. saúde, saída, caïo. (2ª ed., 1813: p. 616)

A referência de Morais é a *Ortografia da Língua Portuguesa* (1576), de Duarte Nunes Leão, onde colhemos a seguinte explicação:

São hus **apices** ou **cimalhas**, das quaes vsamos, quãdo se ajuntão duas vogaes, q se podião leer de duas maneiras, ou jũtas em hũa syllaba, ou separadas em duas. Polo q quando queremos mostrar, q as vogaes se hão de leer diuididas, poemos os apices nesta maneira, aïo por mestre de criação, caïado por brãqueado, a diferença de, cajado, por bordão, ãa, preterito imperfecto do verbo vou, a differença de já, aduerbio tẽporal, & assi boïada, boïa, argũir, saúde. (LEÃO: p. 78)

Nos séculos XVII e XVIII, as três palavras (“ápices”, “cimalhas” e “diérese”) continuam em uso. É o que comprovamos aqui com exemplos recolhidos em três obras importantes na nossa gramaticografia:

Apices, dieresis ou **cimalha** são dous pontos, que usamos sobre a vogal que queremos que retenha seu som, podendose ajuntar com a vogal seguinte. Polo que quando queremos mostrar, que as vogaes se hão de leer divididas, pomos os dous pontos desta maneira: Argüem, Poëta, alaïde. (*Ortografia*, de Álvaro Ferreira de Vera, 1631: p. 40)

Apices são dous pontos, que usamos nesta forma ü antes do outro. Poemse sobre a vogal, que queremos dividir de outra immediata, & pronuncialla dividida, principalmente ã os nomes que se equivocam cõ os ditongos, como nestas palavras, saúde, alaïde, poëta, païço, & outros muytos; porq̃ nã é cayado, que já dicemos como se hade escrever, & assi ayo, boya, boyada, cõtra o parecer de Duarte Nunez. (*Ortografia da Língua Portuguesa*, de João Franco Franco Barreto, 1671: p. 222)

Apices, ou **Dieresis**, ou **Cimalha** (como lhe chama o Pc. Bento Pereyra) são os dous pontos, hum adiante do outro, que se põem nas dicçoens sobre duas vogaes, para sinal de que se hão de pronunciar cada huma por si; porque não são dithongos: v.g. *Heroes. Era, Israel (...)* e no Portuguez, *Saude, Alaude, Poeta*, ainda que estas já pelo uso se escrevem sã apices; mas no Latim são precisos. (*Ortografia*, de João de Morais Madureira Feijó, 1734: p. 129)

Parece-nos, como dissemos, que apenas na gramática de Soares Barbosa, de 1822, a palavra “trema” assumiu seu estatuto referencial, sendo interessante acrescentar que esse diacrítico sempre esteve incluído na seção de *pontuação* das gramáticas e tratados de ortografia, nunca na dos *acentos*, não sendo irônico dizer que isso estaria ligado à sua figura gráfica, marcada pelos “dous pontos, hum adiante do outro”.

Temos então nas gramáticas portuguesas três sinônimos para a palavra “trema”: *ápices*, *cimalhas* e *diérese*, que até hoje figuram em nossos dicioná-

rios com essa acepção, exceto a palavra “cimalhas”, não consignada nos léxicos contemporâneos.

Ao longo da história de nossa língua, o trema foi presença constante nas infundáveis discussões ortográficas travadas. A primeira vez em que isso aconteceu foi num texto de Gonçalves Viana e Vasconcellos Abreu, que expunha as bases da ortografia portuguesa de 1885:

Não usamos da *diérese*, também chamada *ápices*, e mais geralmente *trema* · ·, que alguns gramáticos entre nós querem que se use na vogal prepositiva ou conjuntiva, e no *u* das prolações, para neste caso mostrar que faz sinérese com a vogal seguinte.

O trema é sinal que nos veio de países estranhos. Tem na escrita de línguas europeas significação insubstituível; que nas jermânicas é fôrma abreviada de um *e*, e nesta significação unicamente o empregamos. (CASTRO: p. 148-9)

A questão ortográfica prosseguiu seu rumo (rumo?) e, no texto com as bases da ortografia portuguesa de 1911, lemos:

O sinal (· ·) ou *cimalhas*, *ápices*, cuja função em várias ortografias a maioria da Comissão atribui ao acento grave (`), fica reservado para denotar, em obras da espécie designada, o valor do *ou* dialectal (öu, ö, ?) e do *u* igualmente dialectal (ü); o *ë* servirá para representar em especial o *e* fechado, antes de palatal, que varia de valor, entre *ê* e *â*, dos extremos para o centro de Portugal, como em *seja*, *fecho*, *selha*, *senha*, etc. São sinais estes que nenhuma aplicação tem na escrita comum, na qual, portanto, palavras como *exodo*, *exito* serão acentuadas *êxito*, *êxodo*, e não *ëxito*, *ëxodo*, ou *ëisito*, *ëisodo*, como é a sua pronúncia. (CASTRO: p. 160)

Não sendo privilégio de nosso idioma, o trema é um sinal gráfico utilizado por outras línguas, embora com valor diferente do que atualmente utilizamos no Brasil. Aliás, como se viu pelas transcrições anteriores, mesmo no português, o trema já teve mais de um uso. Hoje o vemos como um “ornamento” que recai sobre a vogal “u” dos grupos “güe, güi” e “qüe, qüi” para indicar sua pronúncia, o que opõe esses grupos a seus homônimos sem trema, nos quais há o dígrafo “gu” ou “qu” e o “u” não é proferido. Mas, há até pouco menos de 25 anos, o trema ainda poderia ser empregado com outro objetivo, autorizado pelo Formulário Ortográfico de 1943, que diz:

É lícito o emprego do trema quando se quer indicar que um encontro de vogais não forma ditongo, mas hiato: saüdade, vaüdade (com quatro sílabas), etc. (parte XII, 12ª regra da instrução 43, 2ª observação)

Em Portugal, esse diacrítico não tem uso oficial desde 1946. No Brasil, a lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, manteve sua função nos casos dos grupos com G/Q e E/I, mas declarou “abolido o trema nos hiatos átonos”.

Ressalta-se então o fato de o trema já ter tido na língua portuguesa a função de indicar a não-realização de um ditongo (*saüidade* = sa-u-da-de; *vaidade* = va-i-da-de). Nos dias atuais, opostamente, restou apenas seu papel de marcar a pronúncia do “u” nos encontros que citamos. Em outras palavras: se antes o trema podia impedir a leitura de ditongo, hoje, ao contrário, é ele quem garante isso nos grupos *güe/güi* e *qüe/qüi*.

Por conta dessas características contemporâneas, pareceria meio estranho lembrar que a palavra “trema” é (seria?) sinônima de uma conhecida figura fonética, comum nos estudos de versificação, a “diérese”. Acontece, porém, que em inglês, por exemplo, é assim que se traduz a palavra “trema”. Apesar disso, a coincidência entre a portuguesa “diérese” e a inglesa “dieresis” ou “diaeresis” não se dá por completo no âmbito semântico. Nos dicionários de língua inglesa, esse substantivo pode remeter, sim, a uma prática gráfica caracterizadora da “pronúncia separada de vogais contíguas”, como nas palavras “coöperate” e “näive”¹ – e nisso se identifica com o significado do português. Entretanto, em inglês, “dieresis/diaeresis” também pode nomear a marca colocada sobre uma letra para indicar a mudança no timbre de uma vogal por influência da vogal da sílaba seguinte, fato mais comum em outra língua do mesmo ramo, o alemão, onde, por exemplo, a vogal do substantivo *Mann* [homem] – pronunciada /a/ – passa a /ɛ/ no plural *Männer*, por influência da vogal do morfema -er.

O inglês também preservou algumas dessas mudanças na flexão irregular de número, embora sem usar o trema e apesar da eventual perda dos sufixos originariamente causadores da mudança. É o que temos, por exemplo, em *man/men* [homem/homens], *mouse/mice* [rato/ratos], *tooth/teeth* [dente/dentes], *long/length* [comprido/comprimento], *old/elder* [velho/mais velho].

A *diaeresis*, em alemão, recebe o nome de *Umlaut*, palavra que significa “som modificado” (“um” = em volta de + “Laut = som) e que, assim como “diérese”, tanto pode ser empregada em relação ao nome do sinal gráfico como em relação ao fenômeno fonético – e nisso o substantivo “trema” difere de seus parceiros, em especial do “Umlaut”, cuja melhor tradução para o português – mas não a única – é “metafonia”, mais uma palavra sobre a qual aqui nos debruçaremos.

O “Umlaut” – às vezes chamado em alemão *Zweipunkt*² – é usado no albanês, holandês, estoniano, finlandês, húngaro, eslovaco, eslovênio, sueco, turco e, mesmo, no pinyin, uma espécie de chave de pronúncia, com letras do alfabeto ocidental, para os caracteres chineses³.

¹ Segundo David Crystal (EDLL: p. 104), “this usage seems to be dying out”.

² Literalmente, “dois pontos”. Na língua alemã, “Zweipunkt” significa quase o mesmo que “Doppelpunkt”, com a diferença de que “doppel” é duplo e “zwei” é dois. Ou seja, “Doppelpunkt” (ponto duplo) equivale aos “dois pontos” do português (:), e “Zweipunkt”, designação fora de uso, ao trema. A palavra “trema”, em alemão, só é empregada na linguagem técnica.

³ Cf. <http://zhongwen.com/ziyin.htm>

Nas línguas de base germânica *ä*, *ö* e *ü* costumam ser transliterados como *ae*, *oe* e *ue*, respectivamente, mas algumas das fontes consultadas revelam uma outra particularidade acerca do trema ou “Umlaut”, em especial no alemão, pois os dois diacríticos seguiram rotas diferentes nos serviços tipográficos germânicos. Ambos se colocavam com um afastamento diferenciado entre os dois pontos que os compõem, às vezes levando em conta diâmetros distintos. Com o advento do *postscript*, essa diferença se tornou obsoleta e deixou de ser praticada nas atividades gráficas e editoriais.

Na língua de Goethe (ou Göthe?), a metafonía ocorreu na passagem do alto alemão antigo (\pm 750) para o alto alemão médio (\pm 1110), e é dessa época o registro de palavras marcadas com esse sinal gráfico⁴. A metafonía, porém, sendo um traço peculiar do sistema vocálico, não é obviamente exclusiva dos idiomas do grupo germânico. A despeito disso, não tem tradição no português o uso do trema para marcar esse tipo de assimilação e, neste artigo, só o vimos mencionado nos textos de Gonçalves Viana sobre reformas ortográficas – e em forma de discriminação.

Nas línguas românicas o fenômeno da metafonía é também observável e manifesta-se no português e em outras línguas nacionais⁵, sem com isso representar a necessidade de alguma aposição de diacrítico. O assunto já aparece na nossa primeira gramática, de Fernão de Oliveira em 1536, embora sem a identificação terminológica:

Das vogais, entre *u* e *o* pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir* e *dormir* ou *durmir* e *bolir* ou *bulir* e outras muitas partes semelhantes. (p. 64)

Resumidamente, podemos explicá-lo como um processo de natureza fonológica, que repercute na morfologia nominal (*debita*>*dívida*; *totu*>*tudo*), pronominal (*iste*>*este*; *este*>*esta*) e verbal (*sequor*>*sigo*; *feci*>*fiz*), atuando às vezes como elemento distintivo das indicações de número e gênero nos nomes e pronomes, de tempo e pessoa nos verbos.

Sincronicamente, vemos a indicação de que alguns substantivos fazem um “plural com metafonía” (*jogo/jogos*, *porco/porcos*), com a abertura do timbre da vogal tônica. A rigor, a metafonía histórica ocorreu no singular português (*jocu*>*jogo*, *porcu*>*porco*), que ficou com o timbre fechado, e não o aberto como no latim. Portanto, a mudança do timbre fechado do singular português

⁴ Já no séc. VIII há registros por escrito do acento. Quem, no séc. XIX, definiu esse fenômeno e o chamou de “umlautung” foi Jacob Grimm, um dos irmãos Grimm, famosos pelas coletâneas de contos de fadas, mas também linguistas e gramáticos. Na sua *Deutsche Grammatik*, publicada pela primeira vez em 1819, Jacob Grimm elaborou uma definição do conceito de “Umlaut” específica para a língua alemã, distinguindo-o dos demais fenômenos de “alternação” ou “flexão interna”.

⁵ Victor Henry foi o primeiro a usar o termo *métaphonie* como correspondente do alemão “Umlaut”, no livro *Précis de grammaire comparée de l'anglais et de l'allemand rapportés à leur origine commune et rapprochés des langues classiques*, publicado em 1893 (cf. BLAYLOCK: p. 253).

para o timbre aberto do plural não decorre da influência da vogal da sílaba seguinte (também fechada, reduzida) e por isso não se pode falar que temos, nessa flexão portuguesa, propriamente um caso de metafonía.

Registre-se, porém, que em nossa língua a metafonía, cujas origens remontam provavelmente à fase de transição entre o latim e o românico português⁶, se estende até os nossos dias e podem comprová-la os usos de alguns registros da língua atual, como as pronúncias brasileiras *imbigo* (para *umbigo*)⁷, *minino* (para *menino*), *custume* (para *costume*), etc.

Voltemos, contudo, ao nosso foco neste artigo e falemos ainda do diacrítico marcado pela dupla de pontos sobreposta a uma vogal. Retomemos o tema a partir do verbete alemão “Umlaut”, germanismo consignado nos dicionários gerais contemporâneos do português. No *Aurélio*, apenas com a informação de que é sinônimo de “metafonía”; no *Houaiss*, além disso, com uma segunda acepção (grifos nossos):

2. DERIVAÇÃO: POR EXTENSÃO DE SENTIDO.

Em alemão⁸, o **trema** (· ·), usado sobre as letras vogais *a*, *o* e *u* de certos radicais para indicar uma vogal anterior, [é], [ö] e [ü] respectivamente, que surgiram nessa língua em resultado de **metafonía**; **diérese**. Obs.: inicial maiúscula.⁹

Nos compêndios do português – repetimos – a palavra “diérese” está mais presente no estudo das chamadas “figuras de dicção” e tem como seu contraponto a “sinérese” (passagem, no interior da palavra, de hiato a ditongo: *po-vo-a-do* > *po-voa-do*). Já a palavra “metafonía” tem seu lugar no capítulo que trata dos metaplasmos e das chamadas “leis fonéticas”. Assim, para os lusofalantes, o nome mais representativo do diacrítico representado pelo “du-

⁶ Não se deve esquecer o fato de que a presença germânica na Península Ibérica foi marcante e pode ter contribuído para a incorporação de marcas de metafonía já desde o latim vulgar.

⁷ O Appendix Probi, lista de 227 “correções” compiladas nos séculos III e IV dC por um gramático latino anônimo, enumera palavras usuais no latim vulgar e as substitui por suas equivalentes clássicas. Entre elas, encontramos o “antepassado” da variante *imbigo*, 58ª palavra da lista: *umbilicus non imbilicus*. Por aparecer como apêndice da gramática de Probo, ficou conhecida como Appendix Probi, ou seja, “apêndice de Probo”.

⁸ O capítulo “Das deutsche Alphabet” da Gramática EARung assim explica esse diacrítico: O **Umlaut** (sinal de metafonía):
- ä (soletra-se “a Umlaut”) - [ê:] Tränen [‘trê:nen] (lágrimas) à som entre [ã] e [ê] em português.
- ö (soletra-se “o Umlaut”) - [ö:] hören [‘hö:ren] (ouvir) à lábios de quem fala [ô], mas som de [ê] em português.
- ü (soletra-se “u Umlaut”) - [ü] Brücke [‘brü:ke] (ponte) à lábios de quem fala [u:], mas som de [i:].

⁹ Nos dois dicionários não há remissão da palavra “Umlaut” para seu par “Ablaut”. Ambos, porém, registram também esse germanismo (não corresponde a um diacrítico), sinônimo de outro metaplasmo, a apofonia: mutação vocálica decorrente da influência de uma vogal precedente. Exs.: di+fácil = difícil; im+barba = imberbe; sub+jactu = sujeito. O *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* registra apenas “Umlaut” (como sinônimo de “metafonía”); o *VOLP* não incluiu nem uma nem outra.

plo ponto que se sobrepõe a uma vogal” é **trema** – e tão-somente *trema*. Nesse caso, a sinonímia técnica acabaria nos levando a problemas de ordem prática e conceitual, os quais cremos ter tratado suficientemente neste artigo.

A etimologia da palavra “trema” é pacífica: sua origem é o grego (*trêma, atos*), significando “furo, buraco, abertura”, palavra usada para designar cada uma das perfurações indicativas dos números de um dado. O *Dicionário Houaiss* esclarece que o termo veio para o português, provavelmente, por influência do francês *tréma* (datação: 1762), assim explicado no *Petit Robert*:

tréma: Sinal formado de dois pontos justapostos que se colocam sobre as vogais *e, i, u*, para indicar que a vogal que a precede deve ser pronunciada separadamente: *Astéroïd séctri avec un i tréma.* (p. 2.013)

Do francês veio também, como se percebe, o valor de “marca de hiato”, e não o de “*u* pronunciado”, que na língua portuguesa do Brasil ainda resiste – diríamos nem tão heroicamente, já que a tendência parece ser mesmo seu completo apagamento. Os portugueses já o aboliram; os brasileiros o temos talvez como “vestígio” de uma lei ortográfica nem sempre muito praticada.

O quadro abaixo pretende ser uma síntese recapitulativa do que dissemos.

VALORES FONÉTICOS DO TREMA
(e seus sinônimos dicionarizados no Português)

	trema	ápices	cimalhas	diérese	Umlaut
alteração do timbre (assimilação)					= metafonía
separação das vogais = hiato	Br.: até 1971 Pt.: até 1946	Br.: até 1971 Pt.: até 1946	Br./Pt.: até início do séc. XX	Br.: até 1971 Pt.: até 1946	
ditongação com “u” (güe/güi & qüe/qüi)	Br.: até hoje Pt.: até 1946	Br.: até hoje Pt.: até 1946	Br./Pt.: até início do séc. XX		

Enfim, esperamos ter podido dar uma idéia de como é possível percorrer um pouco da história das línguas a partir de temas aparentemente singelos, como o deste sinal gráfico cujos valores são convencionados em cada época, em cada sociedade, conforme os interesses e as influências dominantes.

E la nave va...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1999.

ACADEMIA das Ciências de Lisboa. *Dicionário da Língua Portuguesa contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

- BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios de grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Tipographia da Academia das Sciencias, 1822. Encontrável no endereço da Biblioteca Nacional Digital (Portugal): <http://bnd.bn.pt/memorias/ecrans/lingua.html>
- BARRETO, João Franco Franco. *Ortografia da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Oficina de João da Costa, 1671. Encontrável no endereço da Biblioteca Nacional Digital (Portugal): <http://bnd.bn.pt/memorias/ecrans/lingua.html>
- BLAYLOCK, Curtis. "Hispanic Metaphony". *Romance Philology*, XVIII (3). California: University of California Press, febr. 1965, p. 253-71.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês & LEIRIA, Isabel. *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- CRYSTAL, David. *An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages*. Oxford: Blackwell, 1994.
- . *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- . *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- EARUNG. "Das deutsche Alphabet". Extraído da página *Gramática EARung*, encontrável no endereço <http://peixebabel.tripod.com/earung/pronunc01/alfabeto.htm>.
- FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia ou Arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1734. Encontrável no endereço da Biblioteca Nacional Digital (Portugal): <http://bnd.bn.pt/memorias/ecrans/lingua.html>
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa – versão 3.0 século XXI*. LACERDA, Carlos Augusto & GEIGER, Paulo, eds. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. CD-ROM.
- GONÇALVES, Rebelo. *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra: Atlântida, 1947.
- GRIMM, Jacob. *Deutsche Grammatik*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

- LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983. A edição original é encontrável no endereço da Biblioteca Nacional Digital (Portugal): <http://bnd.bn.pt/memorias/ccrans/lingua.html>
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza*. 2 v. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Fac-símile publicado em 1922, pela *Revista de Língua Portuguesa*.
- ORBILAT. “Appendix Probi”. Extraído da página *Orbis Latinus*, encontrável no endereço http://www.orbilat.com/Proto-Romance/Vulgar_Latin/Vocabulary/
- OLIVEIRA, Fernão de. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975. A edição original é encontrável no endereço da Biblioteca Nacional Digital (Portugal): <http://bnd.bn.pt/memorias/ecrans/lingua.html>
- PAUL, Hermann. *Deutsches Wörterbuch*. Tübingen: Niemeyer 1992.
- ROBERT, Paul. *Le Petit Robert 1: Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française*. Paris: Le Robert, 1989.
- SCHMIDT, Wilhelm. *Geschichte der Deutschen Sprache*. Stuttgart / Leipzig: S. Hirzel / Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1993.
- SILVEIRA, Olmar Guterres da. *A “Grammatica” de Fernão d’Oliveyra*. Rio de Janeiro: s/n, 1954.
- TRASK, Robert L. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. London: Routledge, 1993.
- TWADDELL, W. Freeman, A note on old high german Umlaut. In: *Readings in Linguistics I: the development of descriptive linguistics in America, 1925–1956*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- VERA, Álvaro Ferreira de. *Ortographia ou Modo para escrever certo na lingua portuguesa*. Lisboa: 1631. Encontrável no endereço da Biblioteca Nacional Digital (Portugal): <http://bnd.bn.pt/memorias/ecrans/lingua.html>
- ZHONGWEN. *Chinese Characters and Culture: pronunciation*. Encontrável no endereço <http://zhongwen.com/ziyin.htm>

N. do A.:

Muitas das considerações acerca do “Umlaut” e da história da língua alemã tiveram a colaboração de Marcel Vejmelka.